

CUMPLI CIDADES

26 Junho 2020

ANA PAIS

PRÍNCIPE REAL



PRAÇA DAS FLORES

17:00

Começo por me sentar
debaixo de árvore
contendo no jardim
do Príncipe Real.

Cheira vagamente a pinheiro.

Passa uma brisa suave.

Uma pessoa sentada por
banco, nem todos os
bancos ocupados.

A calmaria de Lisboa
reconquistada aos turistas.

Não há como esconder:

LISBOA É NOSSA!

Pena o preço que se tem de pagar.

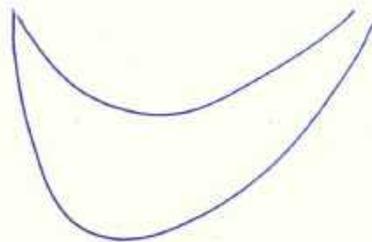
Tinha saudades desta Lisboa, macia e lenta.

Seus encontros e gente trendy-coiso por todo o lado.

17:23

ócio ócio

∟



17:30

E, de repente, os
bancos encobriam-se mais.

Vou caçar.

17:55

Praça das Flores

Entretanto passei pela

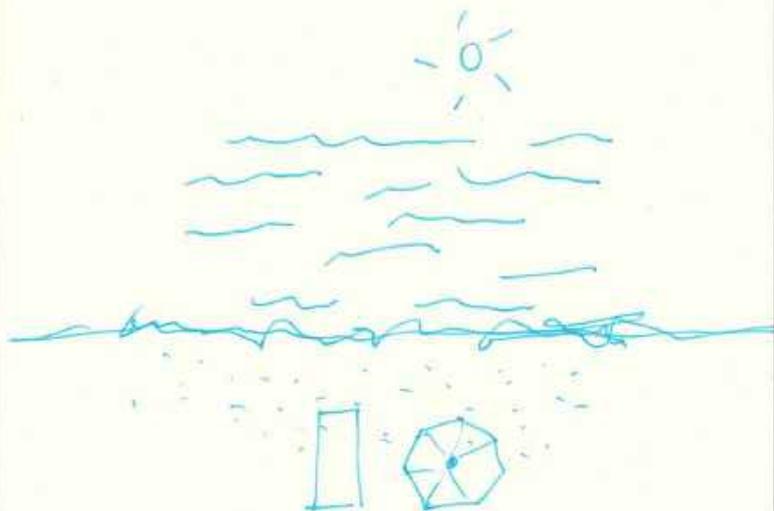
Rua da Rosa, passei pela
acetiga litográfica,
cruzei a Rua do Século
e dei dois giros ao
quarteirão para

demonstrar — pouco

mais.

ALGUNS DIAS

MAIS TARDE.....



Às 18h00

estávamos pontualmente, eu e
o Sérgio, sentados um
banco ao fundo, de
passa das flores.

Dali a pouco, a nossa
guardiã Maria João Alves
ligou-nos. Da nossa
conversa, relato a minha
resposta à sua pergunta:

— O que mais vos
marcou ? ”

Beu sei que a ideia do exercício
é cansar, despertar os
sentidos e o corpo na consciência
pela cidade, disse eu, mas a
verdade é que esse dos momentos
de que mais gostei e que mais
soube pela vida (gosto de usar
esta expressão) extrema) foram
os longos minutos que
permaneci sentado sob a
frondosíssima copa de
árvore centenária.

Não estava quase ninguém:
duas pessoas, uma em cada

banco. Sentir a brisa do seu
tumor por entre as árvores;
ou melhor, sentir o movimento
de brisa na pele; entregar
aqueles instantes a ficar
ali, a permanecer, se outra
necessária predestinação que
não seja. É raro oferecermos
-nos isso, esses momentos de
não fazer, não pensar,
não querer...

Na sequência da pequena
casualidade que tinha feito
para ali chegar, este momento

também foi uma espécie de
prova de que Lisboa estava
diferente, para melhor.

Novos turistas. Lisboa
devolvida ao que era
(sem nostálgica barboça),
simplesmente devolvida aos
seus ritmos, também ele
sem fazer nada para receber
os turistas segundo lógicas
absurdas de massificação;
também ele se procurar
ser o que não é, o fazer
o que não tem; não querer
ser desejável.

Outro momento que facilitou
nesta conversa, foi meu
encontro breve e repentino
com uma pessoa q não via
há muito: a Ágata Mandillo.

A Ágata é antropóloga e
artista, mas há um ano a
está para abrir e pizzaria
biológica. In bocca lupo,
mesmo atrás da praça das
floras. Na minha derradeira
incursão pelo bairro, antes
de chegar à praça, passei
à frente da pizzaria e lá

estava ela com dois coletores,
seu pequeno momento de
lazer. Foi uma bela surpresa
ver-la, apesar de não
nos cumprimentarmos
(de não tocar o outro e
mostrar neste toque a
intensidade do prazer do
encontro; é isto que significa
"cumprimentarmos").

Com entusiasmo trocamos
umas palavras sobre o
negócio, que se fez agradável.
Lembro-me do que foi a
esta pizzaria \bar{f} fiz a

a primeira encalçada de
take-away durante o estado
de emergência, que sendo co-
isso aporá a sua casa,
alé de me deliciar co-
a pizza. talvez por isso,
o entusiasmo ou o contente-
mento e vê-la teula
sido maior. Reverbera
essa felicidade - do palato,
da partilha, da solidariedade -,
mas também dos tempos
que corra, que já fora
tão duros e agora, mais
ameios, nos permite
caminhar ou descansar de

cidade, nos ritmos novos -
-antigos da cidade,
nos silêncios e rumores
de Lisboa.